

FICHA TÉCNICA

Título original: *Dictator*

Autor: *Robert Harris*

Copyright © Robert Harris 2015

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Jorge Freire*

Mapas © Neil Gower

Revisão: *Ana Salvador/Editorial Presença*

Capa: *Penguin Random House UK*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, setembro, 2017

Depósito legal n.º 422 380/17

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ÍNDICE

Mapas	10
Nota do autor	13
Parte Um	17
Parte Dois	229
<i>Dramatis Personae</i>	394
Glossário	399
Agradecimentos	404

ITÁLIA NO TEMPO DE CÍCERO



NOTA DO AUTOR

Dictator conta a história dos últimos quinze anos da vida do estadista romano Cícero, imaginada sob a forma de biografia escrita pelo seu secretário, Tirão.

Que Tirão existiu e que escreveu esse livro são factos históricos bem atestados. Nasceu escravo na propriedade da família de Cícero, era apenas três anos mais novo do que o seu amo mas sobreviveu-lhe, segundo S. Jerónimo, até chegar aos cem anos.

«Os serviços que me prestas são incontáveis», escreveu-lhe Cícero em 50 a. C., «em minha casa e fora dela, em Roma e no estrangeiro, em assuntos particulares e públicos, nos meus estudos e obras literárias...» Tirão foi o primeiro homem a registar, palavra por palavra, um discurso feito no Senado e o seu sistema de escrita abreviada, conhecido como *Notae Tiraniannae*, foi usado pela Igreja até ao século VI; existem ainda alguns vestígios desse sistema (por exemplo, o símbolo «&» e as abreviaturas «etc.», «N.B.», «i. e.», «e. g.»). Escreveu também vários tratados sobre a evolução do latim. A sua obra em vários volumes sobre a vida de Cícero é referida como fonte pelo historiador do século I, Ascânio Pediano; Plutarco cita-a duas vezes. Mas, tal como os restantes escritos de Tirão, o livro desapareceu durante o colapso do Império Romano.

Que vida terá sido a de Cícero?, perguntamo-nos. Foi extraordinária, mesmo segundo os padrões agitados do seu tempo. Apesar de ter origens relativamente humildes — quando comparadas às dos seus rivais aristocratas — e não obstante o desinteresse que manifestava por assuntos militares, Cícero usou a sua capacidade como orador e o poder do seu intelecto e prosperou a um ritmo

meteórico no sistema político romano, até — apesar de todas as vicissitudes — ser eleito cônsul com a idade mínima para o ser: quarenta e dois anos.

Houve um ano marcado por crises: 63 a. C., durante o qual foi obrigado a lidar com uma conspiração liderada por Lúcio Sérgio Catilina para derrubar a República. Para suprimir a revolta, o Senado, durante a liderança de Cícero, ordenou a execução de cinco cidadãos proeminentes, um episódio que iria marcar a sua vida.

Quando, posteriormente, os três homens mais poderosos de Roma, Júlio César, Pompeu, *o Grande*, e Marco Licínio Crasso se aliaram formando o chamado triunvirato, para dominar o Estado, Cícero decidiu opor-se-lhes. Em retaliação, Júlio César usou o seu poder como pontífice máximo, libertando Clódio, um ambicioso demagogo aristocrata, velho inimigo de Cícero, para o destruir. Permitindo a Clódio renunciar ao seu estatuto de patrício e tornar-se plebeu, Júlio César abriu caminho à sua eleição como tribuno. Os tribunos tinham o direito de acusar cidadãos perante o povo, persegui-los e acusá-los legalmente. Cícero decidiu rapidamente que a sua única opção era fugir de Roma. É neste momento desesperado do seu destino que começa o livro *Dictator*.

O meu objetivo foi descrever, o mais corretamente que consegui dentro das convenções da ficção, o fim da República romana como poderá ter sido vivido por Cícero e Tirão. Sempre que possível, as cartas, discursos e descrições dos acontecimentos foram retirados de fontes originais.

Como *Dictator* narra os acontecimentos ocorridos naquele que provavelmente foi — pelo menos até às convulsões de 1933-1945 — o período mais tumultuoso da História humana, nas páginas finais do livro há um glossário e uma lista de personagens, com o objetivo de ajudar o leitor a orientar-se pelo vasto e conturbado mundo de Cícero.

Robert Harris
Kintbury, 8 de junho de 2015

A melancolia do mundo Antigo parece-me mais profunda do que a dos tempos modernos, os quais parecem sugerir, todos eles, que para além do vazio escuro jaz a imortalidade. Mas para os antigos, esse «buraco negro» era o próprio infinito; os seus sonhos surgem e desvanecem-se diante de um plano de fundo de ébano imutável. Sem gritos, ou convulsões — apenas a firmeza de um olhar fixo e pensativo. No período em que os deuses deixaram de ser e Cristo ainda não tinha chegado, houve um momento único na História, entre Cícero e Marco Aurélio, quando o homem se viu sozinho. Em mais lado algum encontrei essa grandeza única.

Gustave Flaubert, carta a Mme Roger des Genettes, 1861

Vivo, Cícero engrandeceu a vida, assim como as suas cartas também engrandecem, mesmo que apenas para um ou outro estudante, aqui e ali, procurando afastar-se do desespero para viver entre o Povo Togado de Virgílio, mestres ansiosos por um mundo maior.

D. R. Shackleton Bailey, *Cícero*, 1971

PARTE UM

EXÍLIO

58 a. C.-47 a. C.

Nescire autem quid ante quam natus sis acciderit, id est semper esse puerum. Quid enim est aetas hominis, nisi ea memoria rerum veterum cum superiorum aetate contextitur?

Ignorar o que aconteceu antes de nascermos é o mesmo que permanecermos sempre crianças. Qual é o valor da vida humana, se não for enlaçada com a vida dos nossos antepassados pelos registos da História?

Cícero, *Do Orador*, 46 a. C.

I

Lembro-me do soar das trombetas de guerra de César que nos perseguiram pelos campos escuros do Lácio, os seus gemidos vorazes e penetrantes, como animais com cio, e a forma como, quando se calaram, restou apenas o deslizar dos nossos sapatos pela estrada gelada e o arquejar urgente de ambos.

Não bastava, aos deuses imortais, que os seus concidadãos cuspissem e insultassem Cícero; não bastava que, a meio da noite, fosse afastado dos lares e altares da sua família e antepassados; não bastava sequer que, ao fugirmos de Roma a pé, olhasse para trás e visse a sua casa em chamas. A todos estes tormentos, acharam por bem acrescentar mais um suplício: obrigá-lo a ouvir o exército do seu inimigo a aquartelar no Campo de Marte.

Apesar de ser o mais velho do grupo, Cícero acompanhou o ritmo dos restantes. Pouco tempo antes, teve a vida de César na palma da mão. Podê-la-ia ter esmagado com a facilidade com que se esmaga um ovo. Agora, o destino colocara-os em direções opostas. Enquanto Cícero se apressava a avançar para sul, para fugir aos seus inimigos, o arquiteto da sua destruição marchava para norte, para assumir o comando de ambas as províncias da Gália.

Caminhava cabisbaixo, não abrindo a boca, e imaginei que o fazia por estar demasiado desesperado para falar. Só de madrugada, quando chegámos ao local onde os nossos cavalos nos esperavam, em Bovilas, e estávamos prestes a embarcar na segunda etapa da fuga, parou à porta da sua carruagem e disse subitamente:

— Achas que devíamos regressar?

A pergunta surpreendeu-me.

— Não sei — respondi. — Não pensei na questão.
— Ora, pensa agora. Diz-me: porque fugimos de Roma?
— Por causa de Clódio e da ralé que comanda.
— E porque é Clódio tão poderoso?
— Porque é tribuno e pode aprovar leis que vos prejudicam.
— E quem permitiu que se tornasse tribuno?
Hesitei.

— César.

— Exatamente. César. Imaginas que partir para a Gália naquele preciso momento foi coincidência? Claro que não! Esperou que os espões lhe dissessem que eu saíra da cidade, antes de ordenar ao exército que marchasse. Porquê? Sempre presumi que promovera Clódio para me punir por discursar contra ele. E se o seu verdadeiro objetivo era expulsar-me de Roma? Que esquema lhe exige certificar-se de que fugi, antes de poder partir também?

Deveria ter entendido a lógica do que dizia. Deveria tê-lo aconselhado enfaticamente a regressar. Mas estava demasiado exausto para raciocinar com clareza. E, para ser honesto, havia outras razões. Estava com demasiado medo do que os rufiões de Clódio nos poderiam fazer, se nos apanhassem a regressar à cidade.

Por isso, disse:

— É uma boa pergunta, e não posso fingir saber a resposta. Mas não demonstraria indecisão, depois de se ter despedido de todos, ao reaparecer subitamente? De qualquer das formas, Clódio queimou-lhe a casa... Para onde regressaria? Quem nos acolheria? Parece-me mais sábio cumprir o seu plano original e afastarmo-nos o máximo possível de Roma.

Apoiou a cabeça na carruagem e fechou os olhos. À luz pálida e cinzenta chocou-me o seu ar descomposto, tendo passado a noite na estrada. O cabelo e a barba não tinham sido cortados nas últimas semanas. Usava uma toga preta. Apesar de ter só quarenta e nove anos, estes sinais públicos de luto faziam-no parecer muito mais velho, qual santo antigo e mendicante. Algum tempo passado, suspirou.

— Não sei, Tirão. Talvez tenhas razão. Já não durmo há demasiado tempo e estou demasiado cansado para pensar.

E foi assim que o erro fatal foi cometido, mais graças a indecisão do que a qualquer decisão tomada, e avançamos para sul durante o resto do dia e durante os doze dias que se seguiram, afastando-nos do que pensávamos ser o suficiente do perigo.

Viajámos com um grupo mínimo, para não chamarmos a atenção: só o cocheiro e três escravos armados a cavalo, um na vanguarda e dois atrás. Um cofre pequeno cheio de moedas de ouro e prata que Ático, o mais velho e próximo amigo de Cícero, lhe dera para pagar a viagem, estava escondido debaixo do nosso banco. Só ficámos nas casas de homens em quem confiávamos, e nunca mais do que uma noite, afastando-nos dos sítios onde se esperaria que Cícero parasse, por exemplo, na sua casa à beira-mar nas Fórmias, o primeiro sítio onde os perseguidores iriam à sua procura, e ao longo do golfo de Nápoles, que já começava a encher-se graças ao êxodo anual de romanos que procuravam o sol invernal e as termas quentes. Fomos antes o mais rapidamente possível em direção à ponta de Itália.

O plano de Cícero, criado em fuga, era chegar à Sicília e esperar lá que a agitação política contra ele se acalmasse em Roma. «A multidão virar-se-á contra Clódio», previu. «É essa a natureza inalterável da multidão. Será sempre meu inimigo mortal, mas não será tribuno para sempre... não nos podemos esquecer disso. O seu mandato acabará dentro de nove meses, e depois podemos voltar.»

Estava confiante de que seria recebido calorosamente pelos sicilianos, mesmo que fosse só pelo processo judicial que instaurara contra o governador tirano da ilha, Verres; mesmo que essa vitória brilhante, que lançara a sua carreira política, tivesse acontecido há doze anos e Clódio tivesse sido, mais recentemente, magistrado na província. Enviara cartas antes da nossa chegada, anunciando a sua intenção de procurar refúgio, e quando chegámos ao porto de Régio, alugámos um barco pequeno de seis remos onde fizemos a travessia do estreito para Messina.

Saímos do porto numa manhã limpa de inverno e de azuis agudos: o mar e o céu, um claro, o outro escuro; a linha que os dividia aguçada como uma lâmina; a distância para Messina era de uns meros cinco quilómetros. Demorámos menos de uma hora.

Aproximámo-nos tanto que vimos os apoiantes de Cícero alinhados nos rochedos, para o receber. Mas ancorado entre nós e a entrada do porto estava um navio de guerra com a bandeira vermelha e verde do governador da Sicília, Caio Rébilo, e ao aproximarmos do farol, levantou a âncora e avançou lentamente para nos interceptar. Rébilo estava encostado ao bordado, rodeado pelos lictores e, depois de recuar visivelmente ao reparar no ar descomposto de Cícero, gritou para nos saudar e Cícero respondeu de forma amigável. Tinham estado juntos no Senado vários anos.

Rébilo perguntou-lhe qual eram as suas intenções.

Cícero respondeu que, naturalmente, queria ir a terra.

— Foi isso que ouvi — respondeu Rébilo. — Infelizmente, não to posso permitir.

— Porque não?

— Por causa da lei nova de Clódio.

— Qual delas? Há tantas, que se perde a conta.

Rébilo chamou um funcionário, que trouxe um documento e se debruçou para o entregar a mim, e eu dei-o a Cícero. Ainda hoje me recordo como tremeu nas suas mãos ao sabor da brisa ligeira que soprava, como se fosse um ser vivo; foi o único som que rasgou o silêncio. Demorou e, quando acabou de ler, deu-me o documento, sem tecer comentários.

Lex Clodia in Ciceronem

Visto que Marco Túlio Cícero condenou à morte cidadãos romanos sem estes serem ouvidos em tribunais e condenados; e para tal abusou da sua autoridade e dos decretos do Senado; ordena-se que lhe seja recusado fogo e água a uma distância de seiscentos e quarenta e cinco quilómetros de Roma; ninguém deverá dar-lhe abrigo ou recebê-lo, sob pena de morte; que toda a sua propriedade e posses sejam confiscadas; que a sua casa em Roma seja demolida e em seu lugar seja consagrado um santuário à Liberdade; e que quem quer que seja que aja, fale, ou vote, ou faça o que quer que seja para que ele regresso seja tratado como inimigo público, a não ser que os condenados à morte por Cícero ilegalmente ressuscitem primeiro.

Deve ter sido o mais terrível dos golpes. Mas manteve a postura e refutou-o com um gesto simples.

— Quando é que este disparate foi publicado? — inquiriu.

— Foi-me dito que foi afixado em Roma há oito dias. Chegou-me às mãos ontem.

— Então, ainda não é lei. Só será lei quando for lido pela terceira vez. O meu secretário confirmá-lo-á. Tirão — disse ele, virando-se para mim —, diz ao governador a data em que a lei passará.

Tentei calcular o dia. Antes que uma proposta de lei pudesse ser aprovada por votos, tinha de ser lida em voz alta no Fórum em três dias de mercado sucessivos. Mas o meu raciocínio fora tão abalado pelo que acabara de ler, que não me consegui lembrar que dia da semana era, e muito menos quando calhariam os dias de mercado.

— Dentro de vinte dias — arrisquei. — Talvez dentro de vinte e cinco?

— Estás a ver? — gritou Cícero. — Tenho três semanas disponíveis, mesmo que a lei passe, e tenho a certeza de que não passará — concluiu. Levantou-se então na proa do barco, apoiando as pernas para se equilibrar, pois o casco ondulava, e afastou os braços, apelando. — Por favor, meu caro Rébilo, em nome da nossa antiga amizade, e visto que vim de tão longe, permite-me pelo menos que vá a terra e passe uma noite ou duas com os meus apoiantes.

— Não, como já disse, lamento, mas não posso arriscar. Consultei os meus peritos. Disseram-me que, mesmo que viajes para o extremo oeste da ilha, para Lilybaeum, ainda estarias a menos de seiscentos e quarenta e cinco quilómetros de Roma, e Clódio viria atrás de *mim*.

Ao ouvir a resposta, Cícero deixou de ser amigável. Disse friamente:

— Não tens o direito legal de impedir a viagem de um cidadão romano.

— Tenho todo o direito de salvaguardar a tranquilidade da minha província. E aqui, como sabes, o que eu digo é a lei...

Disse-o num tom apologético. Atrevo-me a dizer que estava até envergonhado. Mas não cedeu, e após algumas mais trocas enfurecidas de palavras, restou-nos apenas virar para trás e remar,

voltando a Régio. A nossa partida fez com que quem esperava na costa soltasse um coro de gritos e percebi que, pela primeira vez, Cícero estava profundamente preocupado. Rébilo era seu amigo. Se um amigo reagira assim, em breve não haveria sítio em Itália que o acolhesse. Voltar a Roma para contestar a lei seria demasiado arriscado. Era demasiado tarde. Além do perigo físico de uma viagem do género, era muito provável que o projeto de lei fosse aprovado, e ficaríamos presos a seiscentos e quarenta e cinco quilómetros do limite legal que a lei decretaria. Para obedecer à letra da lei que decretava o seu exílio, Cícero teria de fugir para o estrangeiro imediatamente. A Gália estava, obviamente, fora de questão, por causa de César. Teria de ir, então, algures para leste, talvez para a Grécia, ou Ásia. Mas, infelizmente, estávamos no lado errado da península, para atravessarmos as águas traiçoeiras e invernosas. Precisávamos de chegar à margem oposta, a Bríndisi, no Adriático, e encontrar um navio grande capaz de fazer a viagem longa. O aperto em que nos encontrávamos era requintadamente vil, como indubitavelmente César, o patrocinador e criador original de Clódio, pretendia.

Demorámos duas semanas a fazer a viagem árdua, para atravessar as montanhas, muitos dos dias debaixo de chuva e atravessando várias estradas más. Cada quilómetro que percorremos foi marcado pelo risco de emboscada, apesar de as cidadezinhas primitivas por onde passámos terem sido suficientemente acolhedoras. À noite, dormimos em pousadas enfumaradas e geladas, comemos pão duro e carnes gordas tornadas mais tragáveis por vinho azedo. O estado de espírito de Cícero oscilava entre a fúria e o desespero. Percebeu claramente que cometera um erro terrível ao fugir de Roma. Fora uma loucura ter saído da cidade, pois permitira a Clódio caluniá-lo, dizendo que condenara cidadãos à morte «sem estes serem ouvidos em tribunais e condenados», quando, na verdade, fora permitido aos cinco cúmplices de Catilina defenderem-se e a sua execução fora sancionada por todo o Senado. Mas a sua fuga fora sinónimo de culpa. Deveria ter obedecido ao instinto e regressado, quando ouvira as trompetas de César a anunciar a marcha

para a Gália e começara a aperceber-se do erro que cometera. Chorou ao pensar nas consequências desastrosas da sua decisão ridícula e temerária para a esposa e filhos.

Quando acabou de se autoflagelar, dirigiu a fúria a Hortênsio «e o resto do grupo de aristocratas», que nunca lhe tinham perdoado ter superado as suas origens humildes, chegando a cônsul e salvando a República: tinham-no aconselhado deliberadamente a fugir para se arruinar. Poderia ter feito como Sócrates, que dissera que a morte era preferível ao exílio. Sim, deveria ter-se suicidado! Pegou furiosamente numa faca que estava em cima da mesa de jantar. *Suicidar-se-ia!* Não falei. Não levei a ameaça a sério. Abominava o sangue dos outros, quanto mais o seu. Passara a vida a tentar evitar expedições militares, os jogos, execuções públicas, funerais, tudo o que lhe recordasse a sua mortalidade. Se a dor o assustava, a morte aterrorizava-o, o que — algo que nunca teria a impertinência de lhe apontar — fora a razão principal por que fugira de Roma.

Quando finalmente vimos as muralhas de Bríndisi, decidi não arriscar a ida à cidade. O porto era tão grande e movimentado, tão cheio de estranhos, e tão provável que fosse o seu destino, que teve a certeza de que seria o sítio óbvio para o assassinar. Procurou refúgio antes a alguns quilómetros, na costa, na residência de um velho amigo, Marco Lénio Flaco. Nessa noite, dormimos em camas decentes, algo que não acontecia há três semanas, e na manhã seguinte fomos à praia. As ondas eram muito mais fortes e picadas do que na costa siciliana. O vento forte empurrava o Adriático impiedosamente contra os rochedos e contra os seixos. Cícero abominava viagens marítimas, mesmo nas melhores alturas; esta ameaçava ser especialmente arriscada. Porém, era a única forma de fugirmos. A cento e noventa quilómetros para além do horizonte estava a costa da Ilíria.

Flaco, reparando na expressão de Cícero, disse:

— Fortifica o espírito, Cícero; é possível que a proposta de lei não passe, ou que um dos outros tribunos a vete. Deve haver *alguém* em Roma disposto a defender-te... Talvez Pompeu?

Mas Cícero, sem desviar o olhar do mar, não respondeu, e alguns dias depois ouvimos que a proposta de lei realmente fora aprovada e que Flaco, logo, era culpado de um crime punido pela morte,

simplesmente por ter permitido a entrada em casa a um exilado condenado. Ainda assim, tentou convencer-nos a ficar. Insistiu que Clódio não o assustava. Mas Cícero nem sequer considerou ficar.

— A tua lealdade é comovente, velho amigo, mas o monstro enviou certamente um grupo de lutadores profissionais para me perseguir assim que a lei foi aprovada. Não temos tempo a perder.

Eu encontrara um navio mercante no porto de Bríndisi cujo capitão, em dificuldades financeiras, estava disposto a arriscar uma travessia do Adriático no inverno, pelo pagamento de uma verba altíssima, e assim que amanheceu, quando não havia ninguém por perto, embarcámos. Era um navio robusto e largo, com vinte tripulantes habituados a fazer a rota comercial entre Itália e Dirráquio. Não sabia o suficiente para avaliar o navio, mas pareceu-me ser seguro. O capitão estimou que demoraríamos um dia e meio a fazer a travessia, mas teríamos de zarpar rapidamente, disse, para aproveitar o vento favorável. E enquanto os marinheiros preparavam o navio e Flaco esperava no cais, Cícero ditou rapidamente uma mensagem final à esposa e aos filhos: *Vivi uma vida boa, tive uma grande carreira; o bem em mim, e não o mal, provocaram a minha ruína. Cara Terência, a mais leal e melhor das esposas, minha querida filha Túlia, e pequeno Marco, a nossa última esperança: adeus!* Copiei a carta e dei-a a Flaco. Este levantou a mão, despedindo-se. Depois, a vela foi desfraldada, as amarras soltas e os remadores empurraram o navio, afastando-o da parede do porto, e zarpámos à luz cinzento-clara da madrugada.

No início da viagem, navegámos a bom ritmo. Cícero ficou bastante acima do convés, na plataforma do timoneiro, apoiado na amurada da popa, a ver o farol grandioso de Bríndisi a desaparecer. Além da visita à Sicília, era a primeira vez que saía de Itália desde a juventude, quando fora a Rodes, aprender oratória com Molón. De todos os homens que conhecia, Cícero era o menos capaz, pelo seu temperamento, de viver no exílio. Para prosperar, precisava dos aprestos da sociedade civilizada: amigos, notícias, coscuvilhice, conversas, política, jantares, peças de teatro, termas, livros, edifícios belos; ver tudo isso a afastar-se deve ter sido uma agonia.

Ainda assim, em pouco mais de uma hora tinham desaparecido, sendo engolidos pelo vazio. O vento empurrou-nos com força para diante, e ao atravessarmos as ondas, pensei na «onda azul-escura / /a espuma na proa». Mas a meio da manhã, o navio pareceu perder a propulsão. A vela grande e castanha ficou frouxa e os dois remadores que estavam sentados de ambos os lados entreolharam-se ansiosamente. Não tardou a que nuvens densas e escuras se formassem no horizonte e uma hora depois estas tinham-se fechado acima das nossas cabeças como um alçapão. A luz tornou-se sombria; a temperatura desceu. O vento levantou novamente, mas desta vez as rabanadas sopravam-nos na face, empurrando a espuma fria da superfície das ondas. O granizo tamborilou no convés oscilante.

Cícero estremeceu, debruçou-se e vomitou. O seu rosto estava cinzento como o de um cadáver. Pus o braço em redor dos seus ombros e disse-lhe que deveríamos descer ao convés inferior e abrigar-nos no camarote. Estávamos a meio das escadas, quando um relâmpago rasgou o negrume, seguido imediatamente por um estrondo ensurdecedor e assustador, como um osso a partir, ou uma árvore a rachar, e tive a certeza de que perdêramos o mastro, pois parecíamos certamente estar a rodopiar, enquanto em nosso redor montanhas reluzentes e negras de jatos de água erguiam-se e ruíam quando os clarões dos relâmpagos brilhavam. O guinchar do vento impossibilitava falar ou ouvir. Acabei por empurrar Cícero para o camarote, caí depois de entrar e fechei a porta.

Tentámos levantar-nos, mas o navio estava inclinado. O convés tinha água que nos dava pelos tornozelos. Escorregámos. O chão inclinou-se primeiro para um lado e depois para o outro. Agarrámo-nos às paredes e fomos arremessados para trás e para diante na escuridão por entre ferramentas soltas e garrafas de vinho e sacos de centeio, como animais de carga numa jaula a caminho do matadouro. Acabámos por conseguir enfiar-nos num canto e ficámos lá deitados e encharcados, a tremer, sentindo o barco a balançar e a afundar. Tive a certeza de que estávamos condenados e fechei os olhos e rezei a Neptuno e a todos os deuses pedindo que me salvassem.

Passou-se bastante tempo. Não sei quanto, certamente o resto daquele dia e toda a noite e parte do dia seguinte. Cícero parecia

estar inconsciente; tive de lhe tocar várias vezes na face fria, para me certificar de que estava vivo. Abriu sempre os olhos por instantes e voltou a fechá-los. Depois, diria que se resignara completamente a afogar-se, mas que se sentira tão mal por estar enjoado, que tal certeza não o assustara: vira antes como a Natureza misericordiosa salva quem está *in extremis* dos terrores do vazio e torna a morte uma libertação bem-vinda. Foi quase a maior surpresa da sua vida, disse, ter acordado no segundo dia e ter-se apercebido de que a tempestade passara e de que continuaria a viver: «Infelizmente, a minha situação é tão miserável que quase desejo que assim não seja.»

Quando nos certificámos de que a tempestade passara, fomos ao convés superior. Os marinheiros estavam a tratar do cadáver de um pobre coitado cuja cabeça fora esmagada por um portaló. O Adriático estava liso e espesso e calmo, do mesmo tom de cinzento do céu, e o corpo deslizou para o mar sem sequer chapinhar. O vento frio soprava um cheiro que não reconheci, de algo podre e decomposto. Tendo navegado cerca de um quilómetro e meio reparei numa parede íngreme de rochas pretas que se erguia acima das ondas. Presumi que a tempestade nos empurrara para casa e que deveria ser a costa de Itália. Mas o capitão riu-se da minha ignorância e disse que era a Ilíria, e que via os famosos penhascos que protegiam o acesso à cidade antiga de Dirráquio.

Cícero pretendia ir para Epiro, a região montanhosa para sul, onde Ático tinha uma propriedade grande e havia uma aldeia fortificada. Era uma região muito desolada, nunca tendo recuperado do destino terrível decretado pelo Senado, um século antes, quando, como castigo por se aliarem contra Roma, as setenta cidades da região tinham sido destruídas simultaneamente e toda a população, cento e cinquenta mil pessoas, fora vendida como escrava. Ainda assim, Cícero afirmou não se importar com o isolamento de um sítio tão assombrado. Mas pouco antes de sairmos de Itália, Ático avisara-o de que, «infelizmente», só poderia ficar um mês, para que ninguém soubesse da sua presença: se descobrissem que estava lá, pela segunda cláusula da lei de Clódio, Ático seria condenado à morte por ter abrigado um exilado.

Mesmo depois de termos desembarcado em Dirráquio, Cícero hesitou acerca de que direção seguir: sul, para Epiro, apesar de este oferecer apenas um refúgio temporário, ou leste, para a Macedónia, onde o governador Apuleio Saturnino era um velho amigo, e da Macedónia para a Grécia e Atenas. De qualquer das formas, a decisão foi tomada por ele. Estava um mensageiro à sua espera, no cais, um jovem, muito ansioso. Olhando em redor, para se certificar de que não era observado, levou-nos rapidamente para um armazém vazio e entregou-nos uma carta. Era de Saturnino, o governador. Não a tenho nos meus arquivos, pois Cícero agarrou-a e desfê-la, assim que acabei de a ler em voz alta. Mas ainda me lembro do essencial: que «infelizmente» (essa frase outra vez!), apesar de anos de amizade, Saturnino não poderia receber Cícero em sua casa, pois seria «incompatível com a dignidade de um governador romano oferecer asilo a um exilado condenado».

Faminto, húmido e exausto após a travessia, tendo atirado os fragmentos da carta para o chão, Cícero deitou-se num fardo de pano com a cabeça entre as mãos. Foi então que o mensageiro disse num tom nervoso:

— Excelência, há outra carta...

Era de um dos magistrados subalternos do governador, o questor Cneu Plâncio. A sua família era vizinha da família de Cícero, nas terras ancestrais em redor do Arpino. Plâncio disse que escrevera em segredo e enviava a carta pelo mesmo mensageiro, no qual poderíamos confiar; que discordara da decisão do seu superior; que seria uma honra proteger o Pai da Nação; que era vital manter a decisão secreta; que já se fizera à estrada e que o veria na fronteira com a Macedónia; e que, entretanto, arranjava uma carruagem para tirar Cícero de Dirráquio: «imediatamente, para tua segurança; imploro-te que não te atrases sequer uma hora; explicarei melhor quando te vir».

— Confia nele? — perguntei.

Cícero levantou-se do chão e sussurrou:

— Não. Mas que escolha tenho?

Com a ajuda do mensageiro, a nossa bagagem foi desembarcada e posta na carruagem do questor, uma geringonça triste e pouco melhor do que uma cela com rodas, sem suspensão e com uma grelha de metal pregada nas janelas, para que o ocupante fugitivo pudesse ver

para fora, sem que o pudessem ver no interior. Avançámos ruidosamente, subindo do porto para a cidade, e juntámo-nos ao tráfego que seguia na Via Egnácia, a estrada enorme que ia até Bizâncio. Começou a saraivar. Houvera um terramoto alguns dias antes e a estrada estava encharcada por causa do aguaceiro que agora caía, os cadáveres das tribos nativas por enterrar na berma e grupos de sobreviventes espalhados em tendas improvisadas por entre as ruínas, juntos em redor de fogueiras. Fora este odor a destruição e desespero que sentira no mar.

Atravessámos a planície viajando em direção às montanhas cobertas por neve e passámos a noite numa aldeia pequena rodeada pelos picos próximos. A pousada era esquelética, tendo cabras e galinhas nos quartos do rés do chão. Cícero comeu pouco e não falou. Nesta terra estranha e erma, de habitantes com aspeto selvagem, mergulhara finalmente no desespero mais profundo, e foi com muita dificuldade que o levei a sair da cama na manhã seguinte, persuadindo-o a continuar a viagem.

Viajámos dois dias pela estrada, subindo em direção às montanhas, até chegarmos à costa debruada de gelo de um lago vasto. Na margem oposta, vimos uma cidade, Lychnidos, próxima da fronteira com a Macedónia, e era lá, no fórum, que Plâncio esperava por nós. Tinha trinta e poucos anos, era encorpado e usava um uniforme militar, estando acompanhado por meia dúzia de legionários, e houve um momento, quando avançaram na nossa direção, em que me senti dominado subitamente pelo pânico e temi termos caído ingenuamente numa armadilha. Mas a ternura com que Plâncio abraçou Cícero e as lágrimas que tinha nos olhos convenceram-me imediatamente de que as suas intenções eram honestas.

Não consegui disfarçar o choque que senti, ao ver a aparência de Cícero:

— Precisas de recuperar forças — disse. — Mas, infelizmente, temos de partir já.

E disse-nos depois o que não se atrevera a escrever na carta: que tinha recebido informações de confiança de que três dos traidores que Cícero exilara pelo seu papel na conspiração de Catilina — Autrínio Preto, Caio Longino e Marco Laeca — estavam à sua procura, e tinham jurado matá-lo.

Cícero respondeu:

— Então, não há sítio neste mundo onde esteja a salvo. Que tipo de vida poderemos viver?

— Sob a minha proteção, como já disse. Sugiro até que voltes comigo para a Tessalónica e fiques na minha própria casa. Fui tribuno militar até ao ano passado e ainda cumpro serviço, por isso terei soldados para te proteger, desde que fiques nas fronteiras da Macedónia. A minha casa não é um palácio, mas é segura e podes lá ficar enquanto precisares.

Cícero fitou-o. À exceção da hospitalidade de Flaco, era a primeira oferta verdadeira de ajuda que recebera nas últimas semanas, meses até, e ter sido feita por um jovem que mal conhecia, quando os seus velhos aliados como Pompeu lhe tinham virado costas, comoveu-o profundamente. Tentou falar, mas as palavras ficaram-lhe presas na garganta e teve de desviar o olhar.

A Via Egnácia percorre duzentos e quarenta quilómetros das montanhas da Macedónia, antes de descer para as planícies de Amphaxis, onde entra no porto da Tessalónica, onde a nossa viagem acabou, dois meses depois de fugirmos de Roma, indo para uma casa isolada de uma estrada movimentada, na parte norte da cidade.

Cinco anos antes, Cícero fora o governante indisputado de Roma, e só Pompeu, *o Grande*, fora mais amado pelo povo. Agora, perdera tudo: a sua reputação, posição, família, posses, país; por vezes, até o equilíbrio mental. Por razões de segurança, tinha de ficar em casa durante o dia. A sua presença teve de ser mantida em segredo. Foi posto um guarda à entrada. Plâncio disse aos empregados que este convidado anónimo era um velho amigo que sofria de um pesar profundo e de melancolia. Como todas as melhores mentiras, possuía o mérito de ser em parte verdade. Cícero mal comia, ou falava, ou saía do quarto; por vezes os seus ataques de choro ouviam-se no lado oposto da casa. Não recebia visitantes, nem sequer o irmão Quinto, que passara por perto, a caminho de Roma, depois de ter cumprido o seu mandato como governador da Ásia; *Não terias visto o teu irmão, o homem que conhecias*, justificou-se Cícero, tentando mitigar a situação, *nem sinal ou semblante dele mas só a semelhança a um*

cadáver que ainda respira. Tentei o melhor que consegui consolá-lo, mas sem sucesso, pois como poderia eu, um escravo, entender o que ele perdera, nunca tendo possuído algo que pudesse ser perdido? Lembrando, percebo que as minhas tentativas de oferecer consolo através da filosofia só devem tê-lo feito sofrer mais. Na verdade, na única ocasião em que tentei defender o argumento estoico de que as posses e o estatuto são desnecessários, pois apenas a virtude é suficiente para a felicidade, atirou-me um banco à cabeça.

Chegáramos à Tessalônica no início da primavera, e decidi enviar cartas aos amigos e familiares de Cícero, informando-os, confidencialmente, onde se escondera, e pedindo-lhes que respondessem usando Plânicio como posta-restante. As mensagens demoraram três semanas a chegar a Roma, e passaram-se mais três semanas até começarmos a receber respostas, e as notícias que nos chegaram não foram nada encorajadoras. Terência descreveu a forma como as paredes queimadas da casa da família, na colina Palatino, tinham sido demolidas, para que o santuário dedicado à Liberdade — que ironia! — pudesse ser erigido no local. A casa em Fórmias fora pilhada, a quinta em Túsculo fora também invadida, e até algumas árvores do jardim tinham sido levadas de carroça pelos vizinhos. Sem ter onde viver, pedira ajuda à irmã, refugiando-se na Casa das Vestais.

Mas o patife ímpio do Clódio, desafiando as leis sagradas, entrou sem autorização no templo e arrastou-me para a Basílica Pórcia, onde teve a impertinência de me interrogar diante da multidão acerca da minha própria propriedade! Claro que me recusei a responder. Exigiu então que entregasse o nosso filho mais novo como refém para salvaguardar o meu bom comportamento. Como resposta apontei para a pintura que mostra Valério a derrotar os cartagineses e recordei-lhe que os meus antepassados lutaram naquela mesma batalha e que como a minha família nunca temera Aníbal, certamente não nos deixaríamos intimidar por ele.

Foram as dificuldades do filho que mais perturbaram Cícero: «O dever maior de qualquer homem é proteger os filhos e sou incapaz de o cumprir.» Marco e Terência estavam agora na casa do irmão de Cícero, e a sua adorada filha, Túlia, vivia com os sogros.

Mas apesar de Túlia, tal como a mãe, tentar exprimir despreocupação perante as dificuldades, era fácil ler nas entrelinhas e reconhecer a verdade: cuidava do esposo doente, Frugi, um homem gentil, cuja saúde, nunca robusta, parecia ter cedido perante a pressão. *Ab, minha amada, desejo do meu coração!*, escreveu Cícero à esposa. *Pensar que tu, minha querida Terência, outrora o refúgio de todos que estavam em dificuldade, sejas agora tão atormentada! Estás-me diante dos olhos noite e dia. Adeus, meu amor ausente, adeus.*

A perspetiva política era igualmente negra. Clódio e os seus apoiantes continuavam a ocupar o Templo de Castor, a sul do Fórum. Usando esta fortaleza como quartel, conseguiam intimidar as assembleias de votantes e aprovar ou cancelar qualquer proposta de lei que quisessem. Uma lei de que ouvimos falar, por exemplo, exigia a anexação do Chipre e a cobrança de impostos sobre a sua riqueza, «para o bem do povo Romano», ou seja, para pagar a distribuição gratuita de cereais que Clódio instituíra para todos os cidadãos, e dera a Marco Pórcio Catão a tarefa de realizar este roubo. Escusado será dizer, a lei foi aprovada, pois que grupo de votantes alguma vez recusara cobrar um imposto a um povo alheio, especialmente se os beneficiava? Catão recusou-se a ir. Mas Clódio ameaçou levá-lo a tribunal por desobediência à lei. Como Catão considerava a constituição sagrada e a punha acima de tudo, sentiu que poderia apenas obedecer. Zarpou para o Chipre, com o sobrinho mais novo, Marco Júnio Bruto, e com esta partida Cícero perdeu o seu apoiante mais empenhado em Roma.

Contra a intimidação de Clódio, o Senado era impotente. Até Pompeu, *o Grande* («o Faraó», como Cícero e Ático lhe chamavam em privado), começara a assustar-se com este tribuno exageradamente poderoso que ajudara César a criar. Dizia-se que passava a maior parte do tempo a fazer amor com a esposa jovem, Júlia, a filha de César, enquanto o apreço público que gozava começara a declinar. Ático escreveu cartas cheias de mexericos acerca dele, para alegrar Cícero, uma das quais sobreviveu:

Lembras-te quando o Faraó recolocou o Rei da Arménia no trono, há alguns anos, e trouxe-lhe o filho para Roma como refém, para se

assegurar de que o velho se portava em condições? Ora, pouco depois da tua partida, aborrecido por ter o jovem a viver em sua casa, Pompeu decidiu mandá-lo morar com Lúcio Flávio, o novo pretor. Naturalmente, a Senhora Beleza {a alcunha por que Cícero tratava Clódio} não tardou a descobrir, e convidou-se para jantar com Flávio, pediu para falar com o príncipe, e levou-o ao acabar a refeição, como se fosse um guardanapo! Porquê? Ouço-te a perguntar. Porque Clódio decidiu pôr o príncipe no trono da Arménia em vez do pai, e ficar com os rendimentos da Arménia que Pompeu recebe! Incrível, mas há mais: o príncipe foi enviado rapidamente para a Arménia num navio. Houve uma tempestade. O navio regressou ao porto. Pompeu disse a Flávio para ir ao Âncio imediatamente e recapturar o prezado refém. Mas os homens de Clódio estavam à espera. Houve uma batalha na Via Ápia. Morreram vários, entre eles o amigo querido de Pompeu: Marco Papírio.

Desde então, as coisas correm de mal a pior para o Faraó. No outro dia, quando estava no Fórum a assistir ao julgamento de um dos seus apoiantes (Clódio está a acusá-los a todos), Clódio chamou um grupo de capangas, que começaram a cantar: «Como é que se chama o imperador devasso? Como é que se chama o homem que anda à procura de um homem? Quem é que coça a cabeça só com um dedo?» Depois de cada pergunta, abanou as dobras da toga — como o Faraó o faz — e a multidão, como o coro num circo, gritou em resposta: «Pompeu!»

Ninguém no Senado levanta um dedo para o ajudar, pois consideram todos esta perseguição um castigo justo, pela forma como te abandonou...

Mas se Ático pensou que estas notícias reconfortariam Cícero, enganou-se. Pelo contrário, só o fizeram sentir-se mais isolado e indefeso. Com Catão fora de Roma, Pompeu intimidado, o Senado impotente, os eleitores subornados e a ralé de Clódio a controlar a aprovação das leis, Cícero sentiu-se desesperado, acreditando que o seu exílio nunca seria rescindido. Pesavam-lhe as condições em que éramos obrigados a existir. A Tessalónica talvez fosse um sítio agradável para uma estadia curta na primavera. Mas os meses passaram-se, o verão chegou — e a Tessalónica no verão transforma-se num inferno de humidade e mosquitos. Não corre brisa pela vegetação quebradiça. O ar é sufocante. E como as paredes das casas na

aldeia retêm o calor, as noites por vezes são mais sufocantes do que os dias. Dormia no quarto contíguo ao de Cícero — ou melhor, tentava dormir. Deitado no meu cubículo minúsculo, senti-me como um porco a assar num forno de tijolo, e o suor que se acumulava sob as costas era a minha carne derretida. Ouvi frequentemente, depois da meia-noite, Cícero a vaguear no escuro, com a porta aberta, descalço, com os pés a estalar na tijoleira de mosaico. Saí sempre discretamente, seguindo-o e observando-o à distância, para me certificar de que estava bem. Sentava-se no pátio, na orla do charco seco, com a fonte entupida pelo pó, fitando as estrelas brilhantes, como se conseguisse encontrar no seu alinhamento pistas que explicassem as razões pelas quais a sua sorte o abandonara tão espetacularmente.

Nas manhãs seguintes, costumava chamar-me ao seu quarto. «Tirão», sussurrou um dia, os dedos agarrando-me firmemente o braço, «tenho de sair desta esterqueira. Estou a perder o juízo.» Mas onde poderia ir? Sonhava ir para Atenas, ou possivelmente para Rodes. Mas Plânicio recusou-se determinadamente: o perigo de assassinato, insistiu, era ainda maior do que outrora, pois os rumores da presença de Cícero na região tinham-se espalhado. Passadas algumas semanas, comecei a desconfiar de que gostava de controlar uma figura tão famosa e sentia-se relutante em deixar-nos partir. Exprimi a minha desconfiança a Cícero, que respondeu: «É jovem e ambicioso. Talvez esteja a calcular que a situação em Roma mude e possa obter algum crédito político por me ter protegido. Se está, engana-se.»

E, ao fim de certa tarde, quando a ferocidade do calor diurno amainara ligeiramente, tive de ir à cidade levar um molho de cartas que deveriam ser enviadas para Roma. Era difícil persuadir Cícero a despendar sequer o esforço de responder à sua correspondência, e quando o fazia enviava maioritariamente listas de queixas. *Ainda estou cá preso sem ninguém com quem falar e nada sobre que pensar. Não deve haver um sítio menos adequado para sofrer tamanha calamidade num estado de pesar como o que me encontro.* Mas escrevia, e para suplementar os viajantes de confiança que por vezes nos visitavam e levavam as nossas cartas, contratara mensageiros fornecidos por um mercador macedónio local chamado Epifânio, que geria um negócio de importação e exportação de bens de e para Roma.